

## Sonhos e Percalços da Travessia

*Maria Nobre Damasceno*

O passar dos ciclos da vida provoca em nossa memória uma inevitável "erosão". Este momento nos possibilita um regresso ao passado, numa tentativa de reaver aspectos relevantes da vida pessoal e profissional que o tempo teima em apagar. Não tenho a pretensão de fazer uma memória, resisto bastante a essa ideia, não fiz memorial no ritual de entrada, naquela época ainda não era moda, agora a Faculdade encontra um modo de pedir um tipo de memorial como ritual de saída, o que não deixa de ser inusitado. Penso que a resistência se prende ao fato de que, ao narrar, você não se atém apenas aos aspectos acadêmicos, tendo que falar de sua vida e principalmente de suas emoções; implica mexer em várias peças do baú.

Ao articular esse depoimento que denominei - "Sonhos e Percalços da Travessia", o qual segundo a fala carinhosa de Antônio Carlos poderia ser o testemunho de "uma camponesa educadora", identifiquei três grandes eixos: a origem na vida camponesa; a formação escolar inteiramente realizada na escola pública, e a atuação profissional que passa por todos os níveis do sistema de ensino do primário à pós-graduação (também concretizada no sistema público, com episódicas exceções).

1) O primeiro foco é a *vida familiar camponesa*. Nasci e me criei no sertão nordestino, uma região de caatinga. Então início realçando essa circunstância que foi fundamental em minha formação, visto que, ensejou um tipo de educação extraescolar visceralmente ligado ao trabalho no campo e à cultura popular. Sou oriunda de família de pequenos produtores rurais que tinha uma propriedade denominada Cajueiro situada às margens do Rio Palhano, nosso pequeno Nilo. Neste ambiente crescemos juntos e aprendendo a viver e trabalhar.

Detenho-me nas lições aprendidas naquela fase da vida, que pode ser traduzida em aprendizagem pessoal, mas, principalmente, no aprendizado do viver com o outro, com os familiares e grupos camponeses. Essa aprendizagem camponesa passa por vários núcleos que são fortes no processo formativo.

No cenário da vida camponesa, as relações são muito valorizadas, inclusive no que diz respeito ao trabalho, que assume relevância fundamental; aí, com certeza, se pode falar em *trabalho como princípio educativo*. A prática produtiva no sertão pressupõe uma aprendizagem que envolve o processo de trabalho; este ensina um saber prático inerente à forma como são realizadas as atividades agropastoris e, ainda, às formas de utilização de ferramentas usadas na labuta cotidiana.

A criança camponesa começa a aprender a trabalhar muito cedo. Hoje há estudos antropológicos e sociológicos mostrando como ocorre esse processo formativo, que tem como ponto de partida o aprendizado dos filho(a)s com os pais; convém sublinhar que, na execução de tais atividades, existe uma diferenciação bastante nítida por sexo e idade por parte dos membros da família. Desse modo, às mulheres e crianças são atribuídas tarefas consideradas mais apropriadas, como o plantio, a colheita; participam também da debulha, da farinhada (atividades coletivas); além de cuidarem dos animais e realizarem grande parte da lida doméstica e o fabrico de utensílios artesanais. Na visão do sertanejo, o homem possui

maior força física. Então, ele deve assumir as ocupações mais pesadas como desmatamento, cercamento, preparo do terreno, tratos culturais, dentre outros.

Destaco o fato de que esta aprendizagem no trabalho envolve o *continuum* que obedece às faixas etárias das crianças até a juventude. Assemelha-se àquilo que é feito nas comunidades primitivas- onde a cada idade correspondem tarefas apropriadas ao estágio evolutivo e ao sexo do aprendiz; assim, aos sete anos, fazem certas atividades, já aos dez, as tarefas são diferentes com maior nível de exigência; dessa forma, ao atingir a idade adulta, pessoa está pronta para assumir as responsabilidades requeridas para um ser maduro.

Nesse sentido, consideramos a experiência camponesa de fundamental importância para o desenvolvimento da personalidade e a aquisição de determinadas habilidades e virtudes, como sinceridade, simplicidade, compromisso, dedicação. O convívio com a dureza do semi-árido os sacrifícios necessários para assegurar a sobrevivência, forjam o caráter fortalecido pela tenacidade, a coragem, que fazem do sertanejo um forte.

Outro núcleo importante reside no âmbito comunitário, no associativismo, na convivência com a vizinhança e os parentes; com efeito, na produção familiar camponesa uma das constantes na região encontra-se na tradição do associarem-se e as formas que assumem essa associação têm variado consideravelmente no tempo e no espaço. Um dos momentos marcantes em nossa memória era o "adjunto", que consiste na troca de dias de serviço entre os vizinhos. Além de ser um evento importante para a produção, valia também pelo encontro que resultava em muita alegria. Trata-se de uma das formas de solidariedade mais antigas, que, segundo os estudiosos, tem origem na tradição dos três povos formadores - indígenas, africanos e iberos. Um dos vizinhos quer realizar uma tarefa importante de modo mais rápido, por exemplo - a broca para situar um novo roçado, então, combina com alguns companheiros, ficam o dia trabalhando

juntos; geralmente o almoço é uma festa. Ao fim do dia, planejam a ida para fazer uma atividade conjunta noutra propriedade de um dos parceiros e, assim, a roda vai girando. Hoje essa modalidade de ajuda mútua é conhecida por *mutirão*.

Então, chamo a atenção para o fato de que há uma diferença fundamental na formação realizada no meio camponês e no meio urbano. No ambiente urbano, uma parte das famílias, por motivos bem conhecidos, se dedicam pouco à educação dos filhos. Em nossa óptica de análise, a prática de formação contínua realizada no contexto familiar e comunitário rural foi alterada (ou abandonada) no meio urbano. O modo de relacionar-se é muito individualizado e a vivência do trabalho praticamente desaparece e, em decorrência, as responsabilidades ao longo do desenvolvimento da criança e do jovem. A família urbana atribui a educação à escola mas esta, por seu turno, acaba não realizando a tarefa, se concentrado na transmissão do saber formal; o desencontro da educação familiar em relação à escolar resulta quase sempre numa juventude desajustada, confusa, que parece ter perdido o rumo.

Para rematar essa parte, digo que a experiência de vida camponesa, a participação no trabalho, nos conduziu ainda na infância a vivenciar a cultura. Desde cedo, nossa formação foi forjada mediante a imersão na cultura popular do sertão nordestino, em todo este rico tecido de que a maioria tem uma pálida e distorcida ideia por meio da mídia. Vivi intensamente essa cultura popular, literatura popular (cordel), quadrilhas juninas, bumba-meu-boi, quermesses, novenário, elementos culturais que ainda povoam meu imaginário.

2) A seguir procura-se focar o segundo eixo, qual seja, a *formação escolar* que, conforme antecipei foi inteiramente realizada no sistema público, inicialmente na escola rural, repleta de dificuldades, porém, por um desses milagres, cheguei ao doutorado.

A escola que frequentei ficava numa fazenda distante cerca de quatro quilômetros de onde morávamos, tinha prédio próprio, em-

bora precário e as condições pedagógicas situavam-se no mesmo padrão das demais. Basta dizer que a maioria não tinha lousa, havia apenas algumas mesas e cadeiras simples que serviam para os estudantes sentarem-se e escreverem. Isso significa que a professora e os alunos não possuíam condições para realizar uma atividade pedagógica minimamente aceitável.

O material didático era restrito a lápis, borracha e caderno. Naturalmente, nem todos tinham recursos financeiros para adquirir, por isso, muitas professoras apelavam para a solidariedade dos alunos e dividiam lápis ou borracha para que dois ou mais pudessem usar. A inexistência de material didático fazia a professora buscar opções como usar pedrinhas e palitos para o ensino da Matemática. As próprias mães faziam os cadernos. Obtinham papel almaço, cortavam as folhas ao meio costuravam na máquina, estava pronto o caderno, no qual o aluno copiava o pequeno texto ditado pela professora, retirado de algum livro didático que ela conseguia; este servia de base para o estudo da linguagem, noções de Estudos Sociais e Ciências. Parte das crianças tinha algum material de estudo, a Carta de ABC e a Cartilha do Povo, que a família obtinha sempre que possível, principalmente em feiras livres. Na verdade, a literatura que circulava usualmente era constituída dos folhetos e romances da literatura popular, hoje chamado de cordel. Sempre que papai ia à feira, trazia algum livreto para a leitura. Foi graças a essa literatura que consolidamos o ato de ler.

A necessidade e o interesse pelos estudos são considerados como a razão pela qual a família tomou a decisão de mudar-se para Fortaleza em 1956. Era cristalino o fato de que o estudo seria a principal arma para superar as dificuldades no meio urbano. A partir deste, podíamos realizar os sonhos, aprender mais ofícios, conquistar outros espaços. Esta clareza tinha vindo dos nossos pais que sempre falavam e levávamos a sério o que diziam –somos pobres, o tesouro que podemos deixar para vocês é o estudo.

A primeira escola que frequentamos no meio urbano, pertinho de casa, era pequena e se enquadrava na categoria de escola reunida. Prédio simples, na verdade, uma casa adaptada para servir de escola, tanto que entre as salas de aula havia portas que permitiam a comunicação. Era, contudo, uma boa escola que atendia ao critério da distribuição por série; possuía as condições básicas para funcionar; as professoras eram formadas, competentes, demonstraram interesse e cuidado com a aprendizagem dos alunos. Como gostava de estudar, me sentia muito bem naquele ambiente; ali tinha apenas até a 3ª série. No ano seguinte, fomos orientados a ir para o grupo escolar, que possuía o primário completo.

A seguir, passamos a estudar mais distante de casa, em Parangaba. Trata-se do Grupo Escolar Moreira de Sousa, uma escola muito boa para os padrões da época, especialmente para quem nunca tinha posto os pés numa instituição como aquela. Um prédio escolar espaçoso, com muitas salas de aulas, corredores internos e externos, pátios para convivência e brincadeiras, setores para o pessoal da gestão e secretaria, salas para professores e reuniões; contudo nada alegrou mais do que encontrar uma boa biblioteca.

Na verdade, até aquele momento, gostava de estudar, de ler, mas nunca havia entrado num local assim repleto de todo tipo de livros. Foi uma festa para os olhos e principalmente para a mente. Revolvendo a memória, é possível sentir a emoção de poder manusear tantos livros, alguns ilustrados com imagens tão lindas, "o Livro dos Porquês" atiçava a curiosidade; consultar tantas enciclopédias; com certeza a que mais chamou a atenção e despertou uma paixão imorredoura foi o *Tesouro da Juventude*. Ali era possível encontrar todos os assuntos; as luzes do conhecimento que tanto buscava. Esta instituição de ensino, além de condições físicas e pedagógicas adequadas, também primava por ter tanto uma direção excelente quanto um corpo docente preparado e empenhado em desenvolver uma educação de qualidade.

É a altura de lembrar que o primário naquele tempo representava o fim de um ciclo. Quem terminava não passava direto para o ciclo seguinte, que era o ginásial; portanto era preciso se preparar e realizar um rito de passagem chamado *Exame de Admissão*. Então fiz a seleção para Colégio Estadual Justiniano de Serpa; convém realçar que, quando cursei o ginásial e o médio, tive a sorte de obter uma educação de qualidade. Foi a época do movimento "os cabeças chatas", que valorizava o talento cearense, uma época de influência multicultural que buscava desenvolver aqui uma escola de base piagetiana; desse modo, tal abordagem pedagógica foi importantíssima para a formação, não só no campo da Linguagem, mas também da Matemática e outras áreas do conhecimento.

O certo é que, ao ingressar no 2º grau, tinha avançado o bastante nos estudos, graças à qualidade dos professores e ao esforço para aprender. Realizei, simultaneamente o clássico (um tipo de científico direcionado para as Ciências Humanas) e o Curso Normal (este no Instituto de Educação do Ceará)). Tanto num quanto noutro, travei contato com grandes mestres que posteriormente reencontraria na Universidade como o Prof. Antônio Carlos de Almeida Machado, que à época já havia feito o Mestrado e que passou a ser referência em minha formação e atividade acadêmica.

A paixão pela Educação e pela escola pública encontra ancoragem na realidade vivida pela família. Primeiro, desde o princípio, havia clareza do papel que a Educação podia representar para o crescimento pessoal e profissional e, sobretudo, na melhoria da qualidade de vida. Tinha fé na Educação, na crença de que esta tem uma dimensão transformadora.

E veio o vestibular para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC, e o encontro prazeroso com Cecília Meireles e o tema (da redação) - "a importância da natureza como lenitivo da dor humana". A seleção e aprovação foram tranquilas, pois, no Clássico e no Normal os mestres haviam trazido algumas luzes da Filosofia, Sociolo-

gia, Literatura e outros conhecimentos que permitiam enxergar melhor e ver além.

O período da universidade foi o encontro com o saber mais amplo, mais universal- os grandes debates, a busca pela qualificação profissional, que muito motivava. Por outro lado, foi o período da ditadura, que se acirrou com o AI-5 em 1968, um período de grandes embates e conflitos ideológicos, um tempo de trevas posto que a medusa impiedosa, com seus tentáculos, dominava quase tudo.

Vale destacar o fato de que, apesar do momento, na Educação, o clima era de seriedade em relação aos estudos, imprimida pela maioria dos professores que tentavam criar um ambiente acadêmico a despeito dos contratempos. Enfatizo que boa parte dos docentes não se curvou aos ditames da fragmentação do conhecimento, racionalidade, eficiência e competência técnica. Além de Antônio Carlos havia outros mestres, como Lucia Lopes (hoje Dallago); muitos logo obtiveram o Doutorado, embora predominassem aqueles que detinham o notório saber como Valnir Chagas, Moacir Aguiar, Leonel C. Pinto, Lireda Facó, dentre outros.

Imagino que muitos vão considerar esta opinião ousada, porém, em minha percepção, a Faculdade de Educação da UFC nunca se constituiu num centro irradiador do tecnicismo. Mesmo no auge desta tendência pedagógica, aqui ela não encontrou terreno fértil, creio que isso se prende ao fato de haver alguns humanistas em nosso meio acadêmico do quilate de Moacir Aguiar, além do pessoal das Ciências Sociais que atuavam na Educação. Isto não significa que não tenha havido defensores do tecnicismo e até behavioristas ferrenhos em nosso meio, contudo, passaram como meteoros e não deixaram grandes marcas, tampouco seguidores.

De acordo com o modelo da Reforma Universitária, concebida pelo Prof. Valnir Chagas, que foi o mentor e primeiro gestor da unidade de Educação na UFC, esta deveria desenvolver o processo formativo com suporte em dois eixos fundamentais: i) a formação do

educador-generalista, possuidor de cultura geral para atuar como professor do Curso Normal e de algumas disciplinas do Curso Ginásial e 2º. Grau; ii) a formação do especialista em Educação, no início com as modalidades de Administração Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Escolar, para exercerem funções correspondentes no âmbito das escolas.

Conforme demonstra a Prof.<sup>a</sup> Maria Estrela Fernandes a formação realizada pela Faculdade de Educação, posteriormente, veio a conhecer o terceiro "momento pedagógico", influenciado pela abertura política e pelo movimento docente no contexto nacional. Acrescento a produção científica da pós-graduação, e de outros centros de pesquisa em Educação, bem como a consequente publicação de trabalhos, que se caracteriza por questionamentos sobre a Educação e o papel do educador na sociedade; com destaque para a Editora Cortez e Editora Moraes que a partir de 1975, num ato de coragem, passa a divulgar essa produção inovadora e crítica sobre a Educação e áreas correlatas.

Um pouco depois de haver concluído a Pedagogia e uma "especialização" em Psicologia da Aprendizagem na USP, fui estimulada a fazer seleção para a UFRN na unidade de Educação que acabava de ser criada. Fiz a seleção e iniciei minhas atividades como professora universitária; noutro horário, exercia a função de técnica educacional na Secretaria de Educação daquele Estado.

Logo a seguir, tomei conhecimento da seleção que ia ocorrer para o Mestrado na Faculdade Interamericana de Educação no Rio Grande do Sul. Submeti-me à seleção, fui selecionada e realizei o curso, concluído ao final de 1973. Retornei para a UFRN e, em 1974, fiz concurso e fui aprovada para Faculdade de Educação da UFC. Assumi em agosto e aqui permaneci até a aposentadoria.

Ainda na década de 1970, desenvolvi diversas atividades em ensino, extensão, consultoria e pesquisa, além de colaborar com as atividades do nosso Mestrado, que acabara de ser fundado; destaco

com orgulho o fato de que fui membro da comissão que pensou e participou da instalação do referido curso que se iniciou em 1978.

Era tempo de buscar aprofundamento para dar conta das atividades requeridas pela academia. Fui selecionada para três instituições, sendo duas no Exterior (Universidade de Berkeley, na Califórnia e Caen, na França), optei para realizar o Doutorado na UFRG que possuía uma área de aprofundamento em Educação Rural; o curso foi feito entre 1979 e 1983. Foi um período de muito estudo, grande aprendizado e crescimento pessoal e profissional, especialmente no campo da pesquisa a qual passei a me dedicar com afinco.

3) Passo a abordar o terceiro eixo – *a atuação profissional*. Ainda durante a Escola Normal, comecei minha carreira de educadora. Consegui uma vaga para ser voluntária como monitora da educação de adultos. Já integrava o grupo de jovens na paróquia onde morava. Fazia uns trabalhos comunitários de sorte que, assim, adquiri experiência. Visitava as famílias de uma favela. Foi quando apareceu a possibilidade de trabalhar com educação de adultos. Como conhecia as famílias falei para dar aula à noite na escolinha do Círculo Operário, que ficava próximo. Fiz a matrícula eram 30 alunos (quase todos operários da construção civil) e passei a desenvolver um trabalho demais interessante. Não ensinava só a alfabetização, mas, também, trabalhava com eles noções de Matemática e Ciências.

Quando estava concluindo o Normal, surgiu um concurso para Professor Primário da Prefeitura de Fortaleza, me candidatei e fui aprovada numa boa colocação. Fui nomeada professora EP1, de modo que, ao entrar para ser aluna da Pedagogia (1965), já pertencia ao quadro do magistério municipal. Exerci por alguns anos a função de professora primária - com certeza uma rica experiência.

Relatei antes que tive experiências profissionais noutros estados. Na verdade, iniciei minha carreira universitária na UFRN; posteriormente, mediante concurso, passei a integrar o quadro docente da

Faculdade de Educação da UFC. Por tratar-se de uma longa e exitosa experiência profissional, julgo interessante me deter nesta parte.

Já havia trabalhado utilizando a pedagogia freireana; ao ingressar na Faculdade de Educação, me associei à colega Lulu (Maria Luisa de Aguiar Amorim). Planejamos e desenvolvemos uma prática de educação de adultos usando os principais passos do Sistema Paulo Freire, na favela São Miguel, que foi super-importante. Quer dizer, aquela maravilha que é partir das cenas culturais, das fichas de cultura; com certeza o trabalho foi muito legal, porque utilizamos nosso conhecimento tanto prático quanto teórico, quer dizer, nessa altura, já tínhamos experiência como educadoras e tínhamos também base teórica.

Os vários anos de dedicação inclusiva à Universidade permitiram desenvolver atividades diversas no âmbito do ensino, extensão, pesquisa, consultoria, e, outrossim no campo da gestão; assumi por duas vezes a coordenação do curso de Pedagogia. Nesta função, coordenei o Colegiado que tinha como meta reformular o currículo do referido curso, haja vista a necessidade de adequar a formação do pedagogo às novas exigências de uma sociedade que se democratizava; tentamos planejar e implantar, com a participação do conjunto de professores, uma proposta inovadora, com destaque para uma visão crítica e comprometida do educador (tendo como eixo a relação teoria-prática); que visava superar os resquícios da compartimentalização do conhecimento, da racionalidade instrumental, eficiência e competência técnica.

Ao longo da travessia de meio século como educadora, sempre estive apaixonada pela minha prática. Em todos os níveis de ensino onde exerci o magistério, me dediquei com total paixão ao meu ofício. Ressalto o trabalho com a educação popular no contexto do Mestrado e Doutorado em Educação, envolvendo ensino e pesquisa. Reafirmo que sempre considerei uma suprema ventura o ofício de ser mestra, a missão de ser educadora, que se faz cotidianamen-

te mediante o **encontro** de mentes, ideais, sonhos e sentimentos. Se num só encontro podemos realizar milagres, imaginem encontros que acontecem durante dezenas e dezenas de anos! Quantas pessoas fomos capazes de encontrar, de influenciar, de ajudar a educar, que hoje ocupam funções de destaque no cenário educacional de nosso imenso País e até no Exterior!

Como frisei antes, após o Doutorado, além do ensino, aliei ao trabalho como professora, que sempre foi minha paixão, a atividade de pesquisa. Na trajetória de pesquisa, participei de vários projetos apoiados pelo CNPq. Passo a destacar os mais relevantes: Prática Educativa e Consciência do Campesinato (1980/83); Trabalho e Escola no Meio Rural (1985/87); Educação e Hegemonia, o trabalho e as práticas sócio educativas em assentamentos (1988/92); Saber e Prática Social do Educador (1993/96); Escola e Cultura: resistência e identidade (1997/98); Juventude, Sociedade e Cultura (1999/2000); Entre o Sonho e a Realidade: educação e perspectivas de trabalho para os jovens face à reestruturação produtiva (2000/2003); Juventude e diversidade cultural (2004/2006); Juventude e formação: práticas socioeducativas realizadas por instâncias sociais no contexto da sociedade contemporânea (2007/10).

Na prática de pesquisa realizada com os colegas e estudantes (de graduação e pós-graduação), esta atividade sempre teve o caráter formativo. Trabalhamos em equipe, formando grupo de pesquisadores e entendendo a pesquisa como atividade coletiva e formadora. Todas as pesquisas, desde a primeira até a última, tiveram como foco a busca da relação entre a Educação (seja dentro da escola, seja fora da escola) e o meio social. Esse é o eixo. Isto significa entender que a Educação é uma prática social que não se concretiza no vazio, se realiza na sociedade civil, e, como parte da sociedade civil, é necessariamente contraditória pois tanto pode servir aos interesses de quem quer dominar como aos interesses de seus destinatários. Então, ela pode realizar esse movimento. Como parte

da sociedade civil, é movimento e a minha categoria de análise mais importante consiste em entender a sociedade como movimento e compreender a educação como parte desse movimento, algo que está em mudança e o conhecimento em permanente elaboração.

A reflexão inicial acerca da vida camponesa constitui a principal razão para o interesse e a dedicação ao estudo concernente ao movimento social no campo e à educação no meio rural; tentei, ao longo da travessia, fazer uma radiografia e apontar alguns caminhos, relativos a este campo de conhecimento.

Preliminarmente, é importante reconhecer que a Educação no campo expressa, senão apenas no espaço escolar, mas também nas diversas formas de manifestação dos movimentos sociais. Essa convicção é o fio condutor de minha reflexão e prática de camponesa educadora e pesquisadora engajada, na qual boa parte dos trabalhos em ensino e pesquisa se concentra no entendimento das inter-relações Educação, escola, comunidade e movimentos sociais. Então, as pesquisas foram voltadas para os movimentos populares, para a escola. Nesse percurso, investigamos escolas, movimentos de bairro, Comunidade Eclesial de Base (CEBs), sindicatos e o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST).

Procurei identificar, ao longo dessa trajetória, quais modificações se fazem necessárias na Educação rural e buscar opções com base no que indicam os grupos sociais, na certeza de que há uma educação que não se restringe à escola, produzida pelos movimentos originados no campesinato. Um caminho possível para a gradativa articulação dos saberes reside objetivamente no confronto do saber elaborado, gestado na atividade científica (conhecimento dito universal trabalhado pela escola) com aquele propiciado na atividade produtiva e política dos trabalhadores, especialmente no contexto no movimento social popular.

Com efeito, a estrutura socioeconômica não produz apenas a materialidade, mas também a subjetividade "o modo capitalista de

pensar". Em contraposição, utilizando o instrumental da pesquisa, há alguns anos estou investigando o saber que os próprios trabalhadores produzem no seu cotidiano; nestes estudos, destaco o *saber da prática social*, elaborado no exercício produtivo e político dos atores sociais, especialmente dos camponeses, com base no qual este transmite aos descendentes sua atividade produtiva, suas histórias de vida e de lutas; ensina-os a interpretar e viver sua realidade e a exercer suas capacidades criativas.

Vale informar que, nas últimas pesquisas, reunimos outros interesses pois passamos a trabalhar também com a juventude (inclusive rural), mas dentro da mesma perspectiva de movimento, focando as culturas juvenis, as relações da juventude com diversas esferas - igrejas, escolas, movimentos e organizações juvenis.

Tenho um conjunto significativo de pesquisas na área da Educação rural; as pesquisas neste campo enfatizam duas vertentes principais: i) a análise da educação fundamental realizada pela escola rural, apesar de se reconhecer que a escola pública rural efetivamente existente é limitada e precária, as pesquisas demonstram que essa instituição tem papel social, especialmente no que concerne à divulgação do saber universal para a população desfavorecida; ii) e a educação efetivada por meio dos movimentos sociais, inclusive do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Como fruto das pesquisas, advogo a necessidade de uma efetiva articulação entre a prática pedagógica realizada pela escola e os movimentos sociais, o que implica produzir a base de conhecimentos científicos necessários ao avanço produtivo e organizativo dos assentamentos; desenvolver uma proposta de educação que proporcione aos jovens experiências concretas de transformação da realidade; educar sujeitos com capacidade e consciência organizativa, e formar sujeitos sociais que saibam constituir uma vida racional e produtiva.

O percurso concernente à atividade de investigação, a dedicação de tantos anos ao trabalho neste campo, levaram-me, de uma forma bem natural, ao reconhecimento da comunidade científica nacional que, em consequência me escolheu em duas ocasiões para representá-la no Comitê Científico da área de Educação, do organismo mais notório da Ciência do País – o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Além de integrar o referido Comitê, durante muitos anos, fui consultora desta conceituada agência de fomento e de várias fundações de pesquisa dos estados das regiões Norte e Nordeste, incluindo a Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa - FUNCAP. Em decorrência, tive efetiva participação na ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), onde, por algumas vezes, coordenei o grupo de trabalho Educação Rural, depois Educação e Movimentos Sociais no Campo. Ainda, como um dos frutos, publiquei mais de uma dezena de livros (parte deles em equipe) e dezenas de artigos.

Para finalizar, penso que a narrativa revela uma história de vida toda norteadada pela paixão, pelo envolvimento, compromisso político com a educação pública, com a Educação popular e, especialmente, com a pesquisa.